

## SUJEITOS, COLETIVOS E SOCIABILIDADES NAS REDES SOCIAIS: promover novas formas de inclusão e a procura ativa de emprego

INDIVIDUALS, COLLECTIVES AND SOCIABILITIES IN SOCIAL NETWORKS: promoting new forms of inclusion and active job search

SUJETOS, COLECTIVOS Y SOCIABILIDAD EN LAS REDES SOCIALES: promover nuevas formas de inclusión y demanda activa de empleo


### Teresa Cardoso

Doutora em Didática (Universidade de Aveiro - Portugal). Professora Auxiliar da Universidade Aberta - Portugal. [teresa.cardoso@uab.pt](mailto:teresa.cardoso@uab.pt).

 0000-0002-7918-2358

### João Pinto

Doutorando em Média-Arte Digital (Universidade Aberta - Portugal). Pesquisador colaborador no LE@D, Universidade Aberta, Portugal. [jppinto@lead.uab.pt](mailto:jppinto@lead.uab.pt).

 0000-0002-8161-2513

Correspondência: Universidade Aberta, DEED, Rua da Escola Politécnica, 147, 1269-001 - Lisboa, Portugal.

Recebido em: 03.04.2020.

Aceito em: 27.05.2020.

Publicado em: 01.07.2020.

### RESUMO:

A revolução digital impulsionou o paradigma da sociedade em rede mediada pela tecnologia com impacto nos estilos de vida, cada vez mais virtuais e *online*, estimulando novas formas de sociabilidade entre sujeitos e coletivos. Neste texto, apresenta-se uma reflexão sobre a relação entre as redes sociais digitais, a procura ativa de emprego e a inclusão social. Apresenta-se ainda o caso prático do projeto "REviver na Rede", através do qual temos vindo a concluir que as redes sociais, como o Facebook, são ferramentas válidas para a integração, socialização e procura ativa de emprego, ajudando a melhorar a empregabilidade, e também o desenvolvimento econômico e social das comunidades locais.

**PALAVRAS-CHAVES:** Redes Sociais; Facebook; Sociabilidade; Empregabilidade; "REviver na Rede".

### Introdução

Habitamos uma sociedade globalizada, estruturada segundo redes mediadas pela tecnologia, na qual emergem fenômenos como a cibercultura e a cultura participatória, potencializando a capacidade do indivíduo se realizar como ser social e "alterando completamente as possibilidades de comunicação." (VERMELHO et al., 2014, p. 186). Neste cenário, é essencial garantir a democratização do acesso aos mais recentes meios de procura, pesquisa, armazenamento, gerenciamento e partilha de informação, para que possamos construir uma sociedade mais equitativa. Porque, quando as pessoas estão numa rede, na qual participam, sentem-se cidadãos ativos, que contribuem para a inteligência colectiva, e não apenas como simples consumidores, passivos, de uma cultura criada pelos outros.

As redes sociais digitais dão poder às pessoas que aprendem a usá-las, e podem representar um perigo para aquelas que não o sabem fazer. Neste caso, é importante que desenvolvam competências para transformar essa informação em conhecimento e em novas competências, numa aprendizagem ao longo da vida. Assim, a literacia digital surge como um conceito-chave desta sociedade em rede, onde a cada cidadão se exigem competências para “comunicar de um modo mais eficaz, mas também enfrentar de um modo crítico.” (FURTADO, 2007, p. 109) as alterações sociais do mundo que o rodeia. Há agora um maior foco nas competências de análise e reflexão crítica das informações, na produção e partilha do conhecimento, mas também na “capacidade de usar essas habilidades sociais, em conjunto com os outros, de uma forma eficaz.” (RHEINGOLD, 2012, p. 5).

Neste contexto, convocamos o *continuum* dos visitantes e dos residentes digitais. Num extremo, estão os visitantes que acedem temporariamente a sítios da *web* específicos para fins específicos, segundo as suas próprias necessidades e sem construírem o seu perfil nem valorizarem o seu capital social; no outro, estão os residentes, que estão sempre *online*, em interações sociais, deixando para trás evidências de sua presença, o que lhes permite construir um perfil digital e aumentar o seu capital social. No centro podemos encontrar a maioria dos utilizadores, que se deslocam para um ou outro extremo, ora visitantes ora residentes, consoante suas motivações. Esta realidade também tem aplicações na forma como a aprendizagem é realizada. Os processos educativos deverão, assim, considerar novos rumos, estratégias e metodologias, para que possam responder às necessidades dos indivíduos e das instituições que integram uma sociedade em constante mudança, e onde a informação (seu acesso e sua utilização) se tornou um bem vital para a sobrevivência e o sucesso.

As mais recentes tecnologias colocam nas mãos dos usuários comuns um conjunto de recursos educacionais que permitem impulsionar e incrementar as práticas de Educação Aberta e metodologias centradas no aprendente. Além disso, os Recursos Educacionais Abertos (REA) possibilitam que os “principais atores do processo educativo [se possam] [...] distanciar de currículos estruturados seguidos pelas instituições formais de ensino” (SANTAROSA et al., 2014, p. 16). Tornam ainda acessível, a todos, poderosos recursos para a partilha, a construção colectiva e a socialização de conhecimento, o que viabiliza a aprendizagem informal como motor da referida aprendizagem ao longo da vida.

Enquanto decorriam estas transformações, o Facebook emergia de entre um conjunto de redes sociais digitais, adquirindo onipresença e influência mundial, enquanto “rede de colaboração gigantesca” (KIRKPATRICK, 2011, p. 340), incentivando as pessoas a utilizarem a internet com uma maior interatividade social. Segundo Kirkpatrick (2011), o Facebook está mudando a forma como centenas de milhões de pessoas se inter-relacionam e compartilham informação, dando poder ao indivíduo, possibilitando-lhes comunicar de forma mais eficaz.

A sociedade atual traz, conforme mencionado, novas possibilidades de interação social a qualquer cidadão, incluindo a quem está desempregado. Neste caso, as principais dificuldades relacionam-se com o afastamento físico de suas anteriores relações provenientes do trabalho, provocando situações de isolamento e exclusão social, além das de caráter financeiro. Quando uma pessoa se encontra em situação de desemprego é fundamental continuar a criar e gerir as suas redes de sociabilidade, porque a “mobilização de recursos pessoais e relacionais” é um fator importante para a reinserção profissional (DUARTE, 1998, p. 302). Neste sentido, as redes sociais digitais oferecem novas oportunidades para a sociabilidade em situações de desemprego, contribuem para contornar a distância física que passa a separar as pessoas, e permitem gerenciar e produzir novas interações sociais. Tais possibilidades podem contribuir para a integração social das pessoas em situação de desemprego, para combater o seu sentimento de isolamento e exclusão social, além de promover ainda a procura ativa de emprego e melhorar a sua empregabilidade.

Este enquadramento e referencial teórico sustentaram, cientificamente, a gênese do projeto “REviver na Rede” que também apresentamos neste texto, como caso prático de utilização da internet por sujeitos e coletivos, tendo em conta as sociabilidades nas redes sociais, como forma de promover novas formas de inclusão e a procura ativa de emprego. Porém, nos pontos seguintes, e antes de descrevermos o referido projeto, aprofundamos os nossos referenciais enquadradores, que organizamos em torno de três tópicos: a sociedade em rede; as redes sociais; o desemprego e a sociabilidade.

### **Sociedade em rede**

A revolução tecnológica fez emergir um novo paradigma social, descrito por Castells (2011) como “sociedade em rede”, alicerçado no poder da informação. Habitamos uma sociedade e num tempo onde a informação circula intensamente, estando em permanente mutação, e onde o conhecimento é um recurso sempre em reconstrução e

expansão. Uma sociedade globalizada, estruturada em redes mediadas pela tecnologia, sem fronteiras geográficas nem temporais, nas quais todos podem aceder a “plataformas relacionais adequadas à coparticipação (...) que estimula as relações, os compartilhamentos e as trocas (...) entre quem esteja disponível para entrar em interação.” (SANTOS; PETERSEN, 2014, p. 85).

Vivemos numa nova era, que nos oferece múltiplas possibilidades de aprender, independentemente do espaço e do tempo, onde a escola (no passado o local elegido para o ensino) perde exclusividade. De fato, assistimos a uma disseminação da aprendizagem através de novas estruturas da sociedade, oferecendo aos indivíduos novas formas de aprendizado e desenvolvimento ao longo da vida.

O ser humano pode ser entendido como uma construção das redes sociais que o rodeiam. Ao longo da sua evolução, o homem percebeu que a interação social lhe proporcionava a sobrevivência e o domínio no mundo envolvente. Assim, a sociedade é constituída por indivíduos e instituições, atuando em várias esferas, quer a nível local quer global, que traz no seu âmago a intenção de promover a coexistência dos seus interesses em convergência com os dos seus pares, na busca e potencialização da melhoria da qualidade de vida, nas suas dimensões social, política e econômica.

Castells (2011) dá uma contribuição importante para a compreensão de nossa sociedade globalizada e articulada em rede pela relação entre o fluxo das informações existentes e os avanços tecnológicos. Segundo o autor, este paradigma tecnológico se caracteriza pela busca constante de ligações em rede, que são cada vez mais intrínsecas, gerando, por sua vez, novos cruzamentos científicos e novos objetos de estudo, assim se tornando num pilar proactivo na construção de novos conhecimentos.

Neste contexto, recordamos, surge um novo tipo de organização social, a sociedade em rede, mediada pela tecnologia, “potencializando essa tendência [do indivíduo se realizar como ser social] e alterando completamente as possibilidades de comunicação.” (VERMELHO et al., 2014, p. 186). Testemunhamos, pois, um enriquecimento de nossas interações, fruto da integração das novas tecnologias pela sociedade. Portanto, o surgimento de um novo paradigma tecnológico organizado em torno das novas tecnologias da informação, mais flexíveis e poderosas, permite que a informação se torne produto do processo produtivo. De fato, a evolução da tecnologia implicou novas capacidades produtivas da sociedade, novos padrões de vida, bem como novas formas sociais de organização. Ou seja,

(...) o surgimento da sociedade em rede é resultado da interação de duas forças relativamente autônomas: o desenvolvimento de novas tecnologias e a tentativa da sociedade de reaparelhar-se com o uso do poder da tecnologia para servir a tecnologia do poder. (CASTELLS, 2011, p. 69).

Deste modo, a nossa existência, individual e coletiva, é moldada e mediada pela tecnologia numa lógica de rede, sendo a informação a matéria-prima para a construção de conhecimentos. A “rede é um conjunto de nós interligados” (CASTELLS, 2011, p. 606) que permite processar, fortalecer e difundir os conhecimentos anteriormente construídos, a partir da informação compartilhada. Esse novo conhecimento pode, por sua vez, trazer novos significados ao saber dos indivíduos que venham a se ligar a essa rede. Porém, para Braudel (1967, p. 6), “a tecnologia não determina a sociedade: incorpora-a. Mas a sociedade também não determina a inovação tecnológica: utiliza-a”. Esta interação dialética entre sociedade e tecnologia define uma nova realidade social, ultrapassa fronteiras e chega às pessoas com realidades sociais e culturais diversificadas, decorrentes de uma evolução global da própria sociedade. Portanto, é possível afirmar que a tecnologia pode causar impactos no estilo de vida e no comportamento do indivíduo na sociedade, bem como nos seus hábitos e rotinas.

Hoje em dia, nos encontramos com nossos amigos através das redes sociais baseadas na *web*, o que há alguns anos acontecia nos espaços físicos – cafés, festas, etc. O ciberespaço se assume cada vez mais como um espaço de sociabilização de nossa sociedade e a utilização das novas tecnologias tem, necessariamente, um efeito sobre a dimensão social de nossas vidas. Porque “a tecnologia não é boa nem má e também não é neutra” (CASTELLS, 2011, p. 94), isto é, a tecnologia não é um sistema fechado, mas evolui para uma rede adaptável, abrangente e aberta que transforma nossa relação com o mundo. Sintetizando, a virtualização é então uma consequência de nossa vivência como integrantes em uma sociedade em rede, globalizada, centrada no uso da informação e do conhecimento, implicando um processo contínuo de transformação da realidade das relações físicas. Tal permite-nos “ser tudo aquilo que quisermos. Podemos redefinir completamente a nossa pessoa, se assim o desejarmos.” (TURKLE, 1997, p. 26). Essa ideia da virtualização de nossas vidas sociais é compatível com o cotidiano de um desempregado, que também está sujeito a uma nova configuração de espaço e tempo, onde são reconstruídos processos de vida, se recriam novas formas de comunicação, se derrubam barreiras físicas e se implementam novas oportunidades de interação, nomeadamente nas redes sociais (digitais) que a seguir aprofundamos.

## Redes sociais

Para melhor compreendermos a importância de viver em rede consideramos o princípio de que “o todo é mais que a soma das partes.” (GISPERT, 1999, p. 95). É uma inspiração na teoria de *Gestalt*<sup>1</sup>, segundo a qual um conjunto de seres humanos tem propriedades que não existem individualmente e que assim lhes permitem produzir coisas que antes não seria possível. O estudo “O problema do pequeno mundo” (MILGRAM, 1967) demonstrou que a expressão “o mundo é pequeno” não é apenas um clichê, e que cada ser humano está ligado a qualquer outro ser humano por um surpreendente pequeno número de pessoas. Tal parece confirmar a ideia “que se verifica com frequência que, quando alguém conhece uma pessoa nova, conclui existir uma terceira pessoa que ambos conhecem.” (LOPES; CUNHA, 2011, p. 17).

Integramos um mundo dominado por redes e só agora começamos a perceber como elas nos afetam. A nossa vida social e os nossos comportamentos podem ser influenciados por pessoas que não conhecemos, mas que são amigos dos amigos dos nossos amigos nas redes sociais digitais, da mesma forma que somos influenciados pelas pessoas que conhecemos diretamente. É neste cenário que Recuero (2009, p. 24) define rede social como “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas ligações (interações ou laços sociais)”. Ou, noutras palavras, “é um conjunto de pessoas e das ligações que as unem” (HOFFMAN; CASNOCHA, 2014, p. 10).

O advento da internet trouxe inúmeras mudanças para a sociedade, sendo uma das mais significativas a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelos computadores. Essas novas ferramentas *web* têm trazido a possibilidade de as pessoas se poderem (re)construir, interagir e comunicar com outras, deixando rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas interações e a visualização de sua presença nas redes sociais. É que, “o ser humano é, antes de tudo um ser social” (VERMELHO et al., 2014, p. 186) e o ambiente digital, segundo esses autores, vem permitir “estender e ampliar o alcance das redes sociais tradicionais para tornar possíveis novas formas de sociabilidade.” (RHEINGOLD, 2012, p. 192). Esse cenário nos

---

<sup>1</sup> Gestalt provém do alemão e significa “forma”. Na Psicologia é utilizada para expressar o todo. É uma teoria impulsionada por Max Wertheimer (1880-1943) que estuda como os seres humanos percebem as coisas.

mostra que as redes sociais, nomeadamente as digitais, são um campo de estudo complexo que não pode ser tratado superficialmente.

As tecnologias digitais ocupam um papel central nas profundas mudanças em nossa vida social “e a velocidade do processo tem sido estonteante.” (RECUERO, 2009, p. 12). Castells (2011) vem propor uma concepção de rede social que alia a vertente social à tecnológica, ou seja, “o que torna as atuais redes sociais diferentes é precisamente o facto de serem suportadas por uma infraestrutura tecnológica digital que [...] lhes permite ultrapassar os constrangimentos do tempo e do espaço.” (DIAS, 2014, p. 56). A partir do momento em que a tecnologia passou a mediar as relações sociais e que o cidadão comum se tornou digital, as ligações entre indivíduos e coletivos se encurtaram, tornando-se, cada, um nó em uma rede digital. Uns são nós com poucas ligações e outros são «super» nós, com inúmeras de ligações, o que lhes confere um maior valor social. Para Lopes e Cunha (2011), cada pessoa tem o seu “valor social” nas redes em que participa, o que influencia as outras pessoas com as quais se relaciona. Assim, a presença que cada um tem na rede é um poderoso instrumento para o sucesso, pessoal e profissional. Ao contrário do que o senso comum possa induzir, a forma como as redes sociais estão estruturadas não é aleatória. Existem muitos elementos e características que devemos considerar.

Em suma, as pessoas que estão presentes em uma rede na qual participam, seja comentando uma publicação, compartilhando conteúdos, participando numa comunidade virtual ou contribuindo por outras formas a cultura *online* (participatória), se veem enquanto cidadãos ativos, (co)construtores da inteligência coletiva (LATOURE, 2012; LÉVY, 2003). Porém, e como referido, as redes sociais digitais só dão poder às pessoas que aprendem a usá-las, representando uma fragilidade para as que não sabem como usá-las. Por exemplo, é extremamente fácil encontrar informações e perfis falsos, visualizar conteúdos ofensivos, prestar atenção ao redundante (em vez do essencial). Essas situações representam riscos acrescidos para usuários não treinados e mais desatentos aos perigos das redes sociais, para as pessoas que não possuem as literacias fundamentais; muitas acessam à internet e utilizam as redes sociais sem saber como buscar informações relevantes, sem saber como verificar a sua veracidade nem compartilhar o conhecimento de forma construtiva, podendo assim se expor mais às armadilhas digitais. Do mesmo modo que na vida não digital aprendemos os lugares que deveremos frequentar, como nos comportar e o que fazer, na internet devemos adotar a

mesma postura, sendo que nas situações de desemprego e sociabilidade, como de seguida abordamos, também são válidas tais atitudes e comportamentos.

### **Desemprego e sociabilidade**

O desemprego, além de ser uma realidade atual, se tornou em um fenômeno transversal a muitos países e economias. Muitos autores descrevem-no como “uma provação visto que ele é, muitas vezes, causa de pobreza e de ruptura dos laços sociais, estigmatiza o indivíduo e põe em questão o seu estatuto social.” (LOISON, 2000, p. 1). Essas situações de desemprego, principalmente de longa duração, podem “causar graves problemas tanto ao nível da subsistência dos indivíduos como ao nível do seu estatuto e laços sociais” (BENTO, 2011, p. 14), conduzindo a situações de exclusão social e isolamento.

O trabalho em nossa sociedade assume um papel central nas vivências do indivíduo porque é visto como “a satisfação mediata do desejo e da carência. É um processo de transformação do indivíduo” (OLIVEIRA, 2005, p. 967), tornando-o em um membro ativo da sociedade. Assim, o fato de se ter um emprego corresponde a ter um espaço na sociedade e “é um dos fatores que levam à inserção e ao reconhecimento social” (ARCOVERDE, 1998, p. 4). Não ter trabalho significa, geralmente, “estar sem suporte, sem proteção e viver num estado de dependência que tem tendência a perpetuar-se, especialmente nas populações já de si carenciadas e com baixas qualificações” (SANTOS, 2010, p. 31). Embora a situação de desemprego seja uma fase de transição, de certa forma limitada no tempo, incorpora algum grau de mudança e incerteza exigindo dos indivíduos uma adaptação que nem sempre é fácil.

A inserção no mercado de trabalho permite que o indivíduo tenha, além de um salário e o acesso a determinados direitos sociais, também a configuração de uma identidade pessoal, uma elevada autoestima e a correspondente inserção na sociedade. Essa dimensão relacional nos remete para as redes de relações que permitem a integração e a sociabilidade, por exemplo, com família, amigos, vizinhos ou colegas no emprego. Quando essas redes falham, o indivíduo entra em um processo de desidentificação, que o pode levar à autoexclusão social porque uma “perda de laços relacionais (...) marca a ruptura do indivíduo com o meio social que o envolve.” (SANTOS, 2010, p. 11). Os indivíduos desempregados acabam por se “tornar mais frágeis e vulneráveis a situações de exclusão social” (MARQUES, 2009, p. 112), ficando, muitos deles, à margem da sociedade.



Importa referir que, quando se fala em exclusão social, se consideram “todas as esferas [redes] que a sociedade inclui, quer seja a família, a rede de amigos, a comunidade local ou cultural, os sistemas políticos ou económicos” (SANTOS, 2010, p. 10). Assim, quanto maior for o número de esferas sociais (redes) das quais o indivíduo se afastar mais profundo será seu estado de exclusão social, que tende a aumentar à medida que aumenta o tempo de sua condição de desemprego, num efeito de bola de neve.

Na abordagem da sociabilidade no desemprego, consideramos que o significado de sociabilidade se relaciona com a natureza do ser humano em viver em sociedade. Enquanto ser social, ele tem sempre o desejo de estar integrado com outros seres humanos, seus semelhantes. Assim, sociabilidade pode ser definida como a “capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular gostos, paixões, opiniões, etc.” (BAECHLER, 1996 *apud* ARCOVERDE, 1998, p. 1); podemos afirmar então que ela existe para ligar os seres humanos, através das interações cotidianas de sua vida.

Nesse contexto, consideramos ainda a empregabilidade do indivíduo. O conceito de empregabilidade não é novo, embora só recentemente tenha passado a ser de uso generalizado. Segundo Alberto (2005), a sua origem remonta ao início do século XX na Grã-Bretanha, sendo depois adotado nos Estados Unidos e mais tarde em outros países da Europa. Mas ao longo desses tempos o conceito foi sofrendo mutações, determinadas pelas transformações da realidade económico-social.

Apesar de ainda existirem várias interpretações para o conceito de empregabilidade, “todas elas se referem à capacidade dos indivíduos em vivenciarem transições no mercado de trabalho em que se encontram inseridos, o que resulta das competências, conhecimentos e da adaptabilidade” (DE CUYPER et al., 2008 *apud* BOTO, 2011, p. 66), isto é, a capacidade para conseguir um emprego ou para se adequar profissionalmente a um emprego. A esta definição Cardoso et al. (2012, p. 8) acrescentam que a empregabilidade designa também “a qualidade ou possibilidade de se ter um emprego (...) por conta de outrem ou autoemprego”. Pesquisas realizadas por Alberto (2005) associam a empregabilidade a cenários de desemprego estrutural, que justifica a impossibilidade de inserção profissional dos indivíduos, argumentando-se que “o desenvolvimento da empregabilidade seria o passaporte para entrada no mercado de trabalho.” (ALBERTO, 2005, p. 162).

Para Boto (2011, p. 6), a empregabilidade “absorve uma série de constructos centrados no indivíduo (e.g. identidade de carreira, adaptabilidade pessoal,

proactividade) que se combinam sinergicamente com o fim de ajudar” os indivíduos a se adaptarem a novas realidades. A autora defende assim que a empregabilidade é um “constructo psicossocial com ênfase centrada no indivíduo, que incorpora características individuais que favorecem uma adaptação cognitiva, comportamental e afectiva.” (BOTO, 2011, p. 6). Como tal, empregabilidade se refere a muito mais do que conhecimentos, capacidades e competências – inclui características de ordem superior que permitem aos indivíduos facilidades na adaptação às exigências do meio, respondendo às oportunidades de forma proactiva.

Estar empregado, além ser importante para a subsistência (é uma fonte de rendimento), também é “um garante de estatuto social ou um promotor das redes de socialização” (BENTO, 2010, p. 3), onde “as amizades formadas no ambiente de trabalho são um fator importante na satisfação dos indivíduos” (MACEDO, 1996 *apud* ARCOVERDE, 1998, p. 4). Por contraponto, o desemprego “simboliza uma rutura nas trajetórias sócio-profissionais, com diferentes impactos na vida pessoal e coletiva dos indivíduos”, e é causa de um afastamento da vida social, na fronteira da rutura social (MARQUES, 2009, p. 113).

É através da vivência cotidiana no ambiente de trabalho que se torna possível criar laços de amizade e de relações sociais importantes para a vida dos indivíduos. Face a uma situação de desemprego, perde-se um dos principais meios de manutenção das redes de sociabilidade. Os relacionamentos vão-se dificultando com o passar do tempo, pois não há uma convivência próxima e cotidiana com os antigos colegas. Dessa forma, as pessoas desempregadas podem passar por uma experiência de isolamento e determinados processos de exclusão social.

De fato, as relações interpessoais e a rede de contactos são vitais “para o relacionamento com pessoas e empresas, pois possibilita a prospeção de novos negócios ou de novas oportunidades de trabalho” (OLIVEIRA, 2005, p. 701), por isso são fundamentais para a reinserção/readaptação dos indivíduos a novos cenários sociais. Assim, é importante para a nossa vida profissional termos consciência das dinâmicas que se podem criar nas novas redes sociais e da fonte de oportunidades que nelas podemos encontrar; a busca de emprego é uma delas. Lopes e Cunha (2011, p. 8) defendem que a forma como nos “integramos nestas redes pode determinar a maior ou menor probabilidade de conseguirmos um emprego”.

É possível considerar que muitas pessoas encontram emprego através de um amigo ou por intermédio de alguém conhecido. Essa ideia, muitas vezes associada ao senso

comum, está relacionada com a importância das redes de conhecimentos que estabelecemos em nossa vida (não digital). Muitas vezes não basta apenas possuir as melhores competências profissionais para se conseguir um trabalho; é também preciso possuímos algumas competências sociais, ou seja, ligações que nos coloquem em contato com as oportunidades de emprego. É, pois, fundamental conhecer as pessoas que tenham informações corretas sobre um determinado processo de recrutamento e, sobretudo, que detenham algum tipo de poder de decisão. Uma rede social permite-nos gerenciar esses contatos com os amigos mais próximos e com as pessoas que nos são apenas conhecidas, o que nos remete para a força dos laços (fortes e fracos). Segundo estudos por Mark Granovetter, analisados por Lopes e Cunha (2011, p. 62), as pessoas que consideramos apenas conhecidas (os laços fracos) desempenham um papel essencial na busca por um emprego, mais do que as dos amigos mais próximos (que geralmente associamos aos laços fortes). A mobilização dessas relações se torna um fator-chave para a procura ativa de emprego, sendo uma atividade que pode ser facilitada através das redes sociais digitais.

Atualmente é muito comum uma pessoa pertencer a uma rede social digital, estando dessa forma ligada a inúmeras outras pessoas e entidades. Naquele espaço virtual, compartilha estados, gostos, interesses e realizações, pessoais e profissionais, o que evidencia que vivemos numa sociedade global, onde o espaço e o tempo são relativos. Ante essa nova realidade, também o mercado de emprego atingiu uma dimensão global, ficando os dados, que definem a nossa identidade, acessíveis em qualquer lugar e momento. A internet se tornou um local para as pessoas procurarem trabalho e as empresas contratarem. Nesse contexto, as redes sociais digitais, pelas suas características de interação e disseminação de informação, tornaram-se um meio ideal para tais dinâmicas. As empresas conseguem, por esse meio, recrutar os melhores, de forma mais rápida e com um custo muito menor, evitando subcontratação de empresas consultoras intermediárias, tendo acesso direto aos potenciais candidatos e, cada vez mais, a um conjunto de informações provenientes de seus perfis digitais.

Para Afonso Carvalho, responsável por um estudo realizado em Portugal pela empresa *Kelly Services*, "é evidente que as redes sociais estão a mudar a forma como as pessoas procuram trabalho" (KELLY GLOBAL WORKFORCE INDEX, 2011, p. 2); elas estão aprendendo que há aspectos positivos e negativos, e precisam de aproveitar o melhor que a internet lhes pode oferecer a nível profissional. Por exemplo, esse estudo identifica que "16% dos inquiridos dizem recear que o conteúdo que disponibilizam nas redes

sociais possa afectar negativamente as suas carreiras” e “18% dos inquiridos dizem ser essencial manter-se activo nas redes sociais”. Esses números confirmam, assim, a existência de uma consciência da importância das redes sociais para a empregabilidade, nomeadamente a qualidade da presença de cada sujeito nesses espaços *online*.

Quanto ao Facebook, o estudo conclui que é a “mais popular rede social para encontrar trabalho” (KELLY GLOBAL WORKFORCE INDEX, 2011) em todas as gerações, o que poderá se relacionar com a sua grande popularidade, visto ser transversal a todas as faixas etárias a sua utilização e à adesão das entidades que necessitam de contratar. De fato, hoje, já é comum as empresas publicarem os seus anúncios de recrutamento no Facebook, sendo compartilhados e, assim, atingindo uma audiência superior a dos meios de comunicação tradicionais. Por outro lado, o referido estudo também evidencia que os usuários no Facebook estão cada vez mais conscientes da possibilidade de encontrarem ofertas de emprego nessa rede social, vendo-a como um meio válido e prático para a procura ativa de emprego.

Em síntese, as dificuldades encontradas no desemprego, além das de carácter financeiro, começam pelo distanciamento físico e podem chegar a situações de isolamento e à exclusão social. Para uma pessoa em situação de desemprego é fundamental continuar a criar e gerir as suas redes de sociabilidade, como referem os estudos citados por Duarte (1998, p. 302), constatando-se que são inúmeros os casos de reinserção profissional que se devem, sobretudo, “à mobilização de recursos pessoais e relacionais”. Os recursos disponibilizados pela internet, como é o caso do Facebook, oferecem novas oportunidades para a sociabilidade em situações de desemprego. Porque reduzem a distância física que passa a separar as pessoas das suas antigas redes, permitem gerir e produzir novas interações sociais, e até possibilitam criar novas redes de sociabilidade. Tal pode contribuir para a integração social das pessoas em situação de desemprego, combater o seu sentimento de exclusão social e promover a procura ativa de emprego, além ser um meio de aumentar a sua empregabilidade. Foi também neste pressuposto que emergiu o projeto “REviver na Rede”, de que a seguir se dá conta.

### **O projeto “REviver na Rede”**

As problemáticas anteriores têm sido objeto de nossa pesquisa, sobretudo a partir das práticas implementadas no projeto “REviver na Rede”, com base no qual sustentamos que as redes sociais (digitais), designadamente o Facebook, são ferramentas válidas para promover aprendizagens informais ao longo da vida, mas também “para a integração,

socialização e procura ativa de emprego, ajudando a melhorar a empregabilidade” (Pinto, 2017, p. 86).

O projeto nasceu em contexto acadêmico, no âmbito do mestrado em Pedagogia do E-Learning da Universidade Aberta (Portugal), dando origem à dissertação com o título “Formação aberta e *online*, redes sociais e inclusão digital: o projeto REviver na Rede” (Pinto, 2017), e tem vindo a ser implementado na Região Autónoma da Madeira (RAM) desde 2015. A Madeira é um arquipélago no oceano Atlântico composto por duas ilhas habitadas; pertence a Portugal mas goza de autonomia política e administrativa. Como região ultraperiférica do continente Europeu sofre um afastamento geográfico e económico nacional e internacional, nomeadamente em relação à União Europeia, existindo uma forte dependência do turismo. Com a crise económica e financeira mundial de 2007-2008, a região registrou altas taxas de desemprego de longa duração, situação que se prolongou por muitos anos, com consequências gravosas na integração social dos indivíduos e em seus coletivos.

O principal objetivo do projeto é prestar apoio às pessoas em situação de desemprego na utilização do Facebook para se socializarem, evitando o isolamento e a autoexclusão social, além de promover novas formas de procura ativa de emprego. Para tal, procurou-se desenvolver as novas literacias e competências digitais, integrando as novas ferramentas disponíveis, como as promovidas pela e na utilização do Facebook, no cotidiano social desse tipo de população. O projeto tem um forte âmbito pedagógico, social e solidário, prevendo um trabalho voluntário de coletivos e comunidades, numa lógica de empreendedorismo social, pretendendo ser um modelo de integração social e desenvolvimento pessoal, possível de ser replicado a outras realidades.

Inicialmente, o público-alvo do projeto foi definido como sendo pessoas desempregadas residentes na Madeira, mas percebemos uma forte adesão de outras pessoas, nomeadamente, empregados procurando novas oportunidades de trabalho e familiares/amigos de desempregados. Menos esperado foi o envolvimento dos emigrantes, principalmente em países como Venezuela, África do Sul e Inglaterra. De referir que a emigração sempre teve uma grande expressão na Madeira, acentuando-se com a referida crise económica. Notámos que alguns dos emigrantes usavam os espaços do projeto como meio de descobrir a recetividade do mercado de trabalho na região, considerando a possibilidade de regressar, o que indicia que o projeto é uma contribuição para a reintegração dos emigrantes, incentivando à melhoria das suas competências,

principalmente na utilização do Facebook, para conseguirem um emprego (à distância) nas suas comunidades de origem.

Em nossa revisão da literatura constatamos que o desemprego tem sido apontado como um dos grandes flagelos da nossa sociedade atual. Cada vez mais os indivíduos, involuntariamente, encontram-se em situação de desemprego. Cada vez mais nos deparamos com um grande número de indivíduos com uma história de vida profissionalmente ativa, que enfrentam situações de desemprego pela primeira vez – situação para a qual não estão preparados psicologicamente. Assim, perante tal problemática, “o isolamento e a exclusão social no desemprego como fatores prejudiciais para a empregabilidade” (PINTO, 2017, p. 30), formulamos a seguinte questão de partida: O que fazer para combater o afastamento, o isolamento e a exclusão social dos indivíduos desempregados?

Os estudos de diagnóstico, realizados na fase preparatória do projeto, indicaram que as redes sociais digitais tinham potencialidades para integrar uma solução e que o Facebook seria a melhor. Esta ferramenta social, associada à globalização, pode responder a tais necessidades e contribuir para o desenvolvimento das comunidades locais. De fato, constatamos a existência de uma considerável atenção para com as redes sociais digitais, tanto por parte da sociedade como das instituições acadêmicas. Ficou também evidenciado que o Facebook era capaz de juntar várias gerações, compostas tanto por cidadãos ditos analógicos como digitais. Assim, o Facebook se revelou a melhor plataforma para promover a comunicação e a partilha entre sujeitos com características diferentes, nomeadamente idades e maturidades diversas, embora partilhando, enquanto coletivos, objetivos e necessidades comuns. Recentemente, o projeto avançou com testes-piloto em outras redes sociais digitais como o Instagram, LinkedIn e Twitter.

Em termos de produção de conteúdos, foram desenvolvidos três espaços *online* com objetivos distintos, a saber: *website* (espaço institucional e de suporte aos conteúdos de aprendizagem); página no Facebook (divulgação do projeto e dos conteúdos de aprendizagem); grupo no Facebook (interação entre membros e disseminação de conteúdos).

Nas redes sociais digitais os conteúdos são o mais importante. Para Coutinho (2014, p. 127), “é um fator determinante para alguém gostar ou não da página (...); é um elemento-chave para criar uma relação próxima com a sua comunidade (...); gerará maior interação por parte dos seguidores (...) e ajudará a cumprir os objetivos” do projeto. Cientes dessas vantagens, criamos vários tipos de conteúdos para publicar na página e

no grupo do Facebook. Uns contêm uma mensagem catalisadora de aprendizagens, outros assumem um objetivo mais motivacional e de construção de um ambiente propício à aprendizagem. Seguidamente sintetizamos os conteúdos e ferramentas que se mostraram funcionar melhor.

Sendo o *website* do projeto o local onde se encontra a maior parte dos conteúdos de aprendizagem, aproveitamos a sua existência *online* para os partilhar no Facebook e assim alcançar maior visibilidade junto do público-alvo. Além de promover as aprendizagens fora do *website*, num local mais informal e de acessibilidade cotidiana, é também uma forma de divulgar o próprio projeto.

Outros dos conteúdos produzidos para partilha foram as imagens, vulgarmente referenciadas como *Memes*. O conceito de *Meme*, no contexto das redes sociais digitais, associa a utilização de uma imagem (ou vídeo) a um pequeno texto integrado. O objetivo é transmitir uma determinada ideia e ser compartilhado rapidamente, de forma a se tornar viral. Embora, inicialmente, os *Memes* tivessem mensagens relacionadas com situações de humor e, muitas vezes, de cariz pejorativo, atualmente podemos encontrar *Memes* sobre qualquer situação e com diversos tipos de intenção. Assim, elaborámos vários *Memes*, promovendo reflexões sobre assuntos relacionados às redes sociais, boas práticas na sua utilização e, também, de carácter lúdico, contribuindo para o reforço da relação emocional com os seguidores do projeto.

Utilizamos ainda a ferramenta de eventos do Facebook para promover momentos de aprendizagem através dos quais convidamos o público-alvo do projeto a realizar uma tarefa específica. Um evento nos permite ter, em nossa página no Facebook, “um espaço reservado a um acontecimento concreto, que ocorrerá em dia e data determinados, mas que nem sempre corresponde a um evento físico.” (COUTINHO, 2014, p. 74). Assim, para uns, esses momentos significavam a tomada de consciência dos conhecimentos que já tinham e os alertava para o que ainda lhes faltava adquirir para cumprirem o objetivo do evento. Para outros, representava o desafio de realizar a tarefa, sendo um ato impulsionador para a aprendizagem, nomeadamente acerca dos procedimentos necessários para a efetuar. Portanto, utilizamos os eventos como convite à aprendizagem, criando uma maior dinâmica no projeto e envolvimento com algumas das pessoas mais afastadas dos espaços do projeto.

A partilha de notícias e artigos publicados em outros *sites*, geralmente, jornais e revistas *online*, assumiu uma importância estratégica para fortalecer a literacia da informação. Quando encontramos um conteúdo, de alguma forma relacionado com o

Facebook e as redes sociais digitais, partilhamo-lo em nossa página do Facebook. Sempre que possível adicionamos um texto reflexivo e orientador, sobre o assunto abordado, para ajudar à sua contextualização. Essas publicações assumem uma vertente de curadoria de conteúdos como forma de “distribuir a informação que recolhemos, depois de a termos aperfeiçoado e contextualizado o conhecimento implícito, para melhorar a sua credibilidade e atender às necessidades” (RHEINGOLD, 2012, p. 249) do público-alvo. Sublinhamos que o conceito de curadoria de conteúdos se caracteriza pelo processo de pesquisar, organizar, recolher e compartilhar os melhores conteúdos (textos, fotos, vídeos, ferramentas, postagens, etc.), sob um determinado tema. Tivemos, assim, a intenção de ajudar na interpretação dos conteúdos em causa, de forma a acrescentar valor e a torná-los mais apelativos, tendo em conta o contexto em que é compartilhado. Ou seja, acreditamos na curadoria como um processo “catalisador e facilitador à aprendizagem de outros indivíduos.” (TAVARES, 2013, p. 13).

A interação direta e individual com os seguidores do projeto foi um aspecto nuclear desde o início, tornando-se ao longo do tempo uma mais-valia para o alcance dos objetivos do projeto. O Facebook permite aos seguidores de uma página entrarem em contato direto com os seus administradores através de mensagem direta. Usamos essa funcionalidade para estabelecer um diálogo personalizado com as pessoas que nos contactam, esclarecer suas dúvidas e lhes dar algumas orientações. No final das mensagens aproveitamos para lhes apresentar o projeto e mostrar como o podem utilizar. Em situações específicas utilizamos esse espaço privado para eventualmente corrigir sobre algum aspecto detectado de má utilização das redes sociais digitais, algo que só pode ser realizado em um espaço privado e em um diálogo direto.

Outra das funcionalidades do Facebook usadas com alguma regularidade é a ferramenta de Perguntas/Sondagens, que permite inquirir os membros dos grupos sobre um determinado assunto. Isto é, possibilita fazer uma determinada pergunta, de resposta fechada, ficando acessível a todos membros, assim como contabilizar as respostas. Socorremo-nos dessa ferramenta para dinamizar a atividade do grupo em torno das temáticas do projeto, conhecermos melhor os membros, além de, entre outros aspectos, auscultarmos a sua opinião sobre determinados assuntos, a fim de construirmos outros conteúdos e/ou redefinirmos estratégias de interação.

O tipo de publicação que mais envolvimento cria com o projeto são os anúncios de emprego. Acreditamos que a procura de emprego, ou seja, a procura por anúncios de emprego, é o que move o público-alvo do projeto. Nesse sentido, partilhamos anúncios



de emprego que encontramos nos mais variados locais (físicos ou digitais) nos espaços do Facebook. Entendemos que a partilha de anúncios contribui para captar a atenção do público-alvo, para aumentar a visibilidade dos conteúdos de aprendizagem e, consequentemente, também para o alcance dos objetivos do projeto.

Sublinhamos que os conteúdos e ferramentas referidas anteriormente são as representativas, pela sua utilização, pelos resultados obtidos e pela facilidade de utilização no ambiente do Facebook. Embora sejam adotados muitos outros, ao longo de nossa vivência no contexto do projeto temos constatado que a interação com os seguidores é a que melhores resultados alcança. Assim, destacamos a importância das respostas aos comentários às publicações e às mensagens privadas, em que dinamizamos uma moderação com reação rápida, assertiva e de carácter pedagógico.

Analisando o envolvimento das pessoas com os espaços *online* do projeto, no ano de avaliação do projeto (2018), a página no Facebook contava com 21.431 seguidores, o grupo do Facebook com 27.697 membros e o *website* registrou 44.495 acessos, sendo que 16.467 foram visitantes que regressaram. Para melhor compreender a grandeza do número de membros do Grupo "REviver na Rede", referimos que existiam, aproximadamente, 12.200 pessoas<sup>2</sup> desempregadas na Madeira (logo, podemos afirmar que o universo da população-alvo era menor do que os membros do grupo), e que a população da região contabilizava 254.876<sup>3</sup> pessoas. Portanto, tomando para comparação o total de membros do grupo (27.697), notamos que representavam cerca de 11% daquela população.

Caracterizando o tipo de seguidores do projeto, os estudos realizados através de questionários indicam uma idade média de 31 anos, sendo 55% do sexo feminino. Quanto à escolaridade, destacam-se o 6.º ano, o 9.º ano e a 4.ª classe, ou seja, a maior parte dos envolvidos apresentam baixos níveis de escolaridade. Verificamos ainda que a maior parte das pessoas estava em situação de desemprego (54,5%). De notar ainda que 11% dos inquiridos que respondeu que estava empregado referiu que tinha responsabilidades de seleção/recrutamento de Recursos Humanos, sugerindo que os espaços do projeto também são seguidos por profissionais na área do recrutamento como confirmam as

---

<sup>2</sup> Estimativa da população desempregada no 3.º Trimestre de 2018 (fonte: Direção Regional de Estatística da Madeira, <https://estatistica.madeira.gov.pt>).

<sup>3</sup> Estimativa da população residente em 31-12-2018 (fonte: Direção Regional de Estatística da Madeira, <https://estatistica.madeira.gov.pt>).

muitas solicitações que nos são enviadas (para publicarmos anúncios com oportunidades de emprego).

A avaliação realizada dois anos após o início da implementação do projeto revelou que este atingiu as metas e os objetivos a que se propôs, confirmando-se como uma solução para o problema identificado junto do público-alvo, tendo sido recolhidas evidências de uma alteração nos comportamentos na utilização do Facebook por parte dos usuários/seguidores do projeto. Os espaços geridos no Facebook se tornaram muito dinâmicos, registrando-se testemunhos de pessoas que conseguiram emprego (num total de 529 pessoas até 2018) através das partilhas de ofertas de emprego por nós disponibilizadas. Mas também obtivemos testemunhos de sujeitos a declarar que estão mais conscientes das potencialidades do Facebook e que estão a utilizá-lo melhor, inclusive a nível pessoal.

Os grandes objetivos que norteiam o projeto relacionam-se com a alteração de comportamentos na utilização do Facebook, o que sabemos ser algo difícil de observar e documentar. No entanto, a referida avaliação aponta algumas evidências. No início, observámos que nas interações registradas na página e no grupo do Facebook existiam membros com participações muito despropositadas e inconvenientes, principalmente ao nível dos comentários. Além de perturbarem as outras interações, eram negativas para a imagem de quem os fazia, o que poderia tornar-se muito desvantajoso para eventuais candidaturas às ofertas de emprego. Mas, ao longo do tempo, começamos a verificar que foram diminuindo, passando a ser raras aquando da avaliação do projeto. Pensamos que tal evolução se deve à nossa moderação, mas também ao aprendizado de alguns dos conteúdos disponibilizados pelo projeto, pois muitos de nossos seguidores testemunharam que ganharam consciência para a importância das interações e publicações realizadas na construção do seu perfil nas redes sociais digitais, e, consequentemente, para o sucesso na procura ativa de emprego.

Numa análise às interações realizadas no grupo, local mais apropriado para esse tipo de participação, verificámos que a maior parte das participações são assertivas, respeitando as regras de cordialidade desejáveis, fazendo comentários e publicações mais construtivas e moderadas, utilizando mesmo uma linguagem mais cuidada.

Muitos empresários e recrutadores prestam atenção ao nosso projeto e nos têm pedido colaboração para divulgarmos as suas ofertas de emprego, com muitos a solicitarem apoio para a elaboração de seus anúncios, com o objetivo de melhorar a capacidade de alcance de suas necessidades de recrutamento, demonstrando que

estamos a contribuir para aproximar a procura e a oferta de emprego. A atenção que a comunicação social tem dedicado ao projeto, com a publicação de algumas notícias e entrevistas, tanto na imprensa como na rádio e televisão, também é testemunho da importância do projeto e de como pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e regional.

Por outro lado, o projeto tem sido distinguido em várias iniciativas de relevo, nacional e internacionalmente, por exemplo: *Born from Knowledge – Ideas 2016*<sup>4</sup>, *Arrisca C 2016*<sup>5</sup> (menção Honrosa do Prémio Social ao Centro), *WSIS Prizes*<sup>6</sup> (nomeado em várias edições). Além disso, integra o relatório *WSIS Stocktaking*<sup>7</sup>, como uma boa prática e proposta válida para ser aplicada noutros países/regiões. De referir que os *WSIS Prizes* e o *WSIS Stocktaking* são iniciativas da *International Telecommunication Union* (ITU), agência das Nações Unidas especializada nas TIC, visando distinguir e compartilhar as melhores práticas a nível global, e reconhecer a excelência na implementação de projetos e iniciativas locais, passíveis de serem replicadas noutras realidades e noutros contextos nacionais/internacionais.

Assim, o projeto tem demonstrado ser uma iniciativa muito importante, criando vínculos entre os participantes em termos colaborativos e de esperança comum no contexto de oportunidades laborais, tecendo nós de sociabilidades digitais entre redes e laços de sujeitos e coletivos.

### Considerações finais

Ao longo deste texto recordamos que a evolução tecnológica fez emergir uma sociedade em rede mediada pela tecnologia, potenciando a capacidade do indivíduo em se realizar como ser social. As redes sociais digitais nos deram horizontes novos, nos quais

---

<sup>4</sup> Born from Knowledge – Ideas: concurso promovido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, do Governo de Portugal ([www.bornfromknowledge.pt/ideas](http://www.bornfromknowledge.pt/ideas)).

<sup>5</sup> O “Arrisca C” é um concurso promovido pela Universidade de Coimbra - Portugal, que visa estimular o desenvolvimento de conceitos de negócio em torno dos quais se perspetive a criação de novas empresas, incluindo iniciativas de empreendedorismo social ([www.uc.pt/gats/eventos\\_e\\_iniciativas/a\\_decorrer/arrisca\\_c](http://www.uc.pt/gats/eventos_e_iniciativas/a_decorrer/arrisca_c)).

<sup>6</sup> O WSIS Prizes é um concurso internacional que visa reconhecer projetos com estratégias orientadas para o desenvolvimento local que utilizem o poder das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como um facilitador do desenvolvimento. É promovido pelo World Summit on the Information Society, evento que decorre na Suíça, e é promovido pelas Nações Unidas ([www.itu.int/net/wsis](http://www.itu.int/net/wsis)).

<sup>7</sup> O WSIS Stocktaking é um arquivo para compartilhar as melhores práticas a nível global e reconhecer a excelência na implementação de projetos e iniciativas locais. É uma iniciativa liderada pela Agência das Nações Unidas para as Tecnologias da Informação e Comunicação ([www.itu.int/net4/wsis/stocktaking](http://www.itu.int/net4/wsis/stocktaking)).

já não somos só meros consumidores de informação, mas nos tornando em produtores de conhecimento, o que implica o desenvolvimento de novas competências.

Por outro lado, a educação desempenha um papel importante na implementação de estratégias e metodologias para que possa atender às novas necessidades dos indivíduos. As redes sociais digitais oferecem novas oportunidades para sujeitos e coletivos em situações de desemprego, incluindo de sociabilidade, por contribuírem para esbater distâncias físicas e produzir novas interações sociais. Mas também podem ser ferramentas promotoras da procura ativa de emprego, contribuindo para o fortalecimento da empregabilidade.

Foi considerando esse cenário que apresentamos o projeto “REviver na Rede”, cuja concretização tornou evidente que o Facebook tem potencialidades para contribuir para a resposta à problemática por nós identificada (recordando, isolamento e exclusão social no desemprego enquanto fatores que prejudicam a empregabilidade). Concluímos, portanto, que esta rede social digital é uma ferramenta válida para a integração, socialização e procura ativa de emprego, ajudando a melhorar a empregabilidade.

Num rápido olhar à implementação do projeto, notamos que o mesmo se encontra desenvolvido com ferramentas associadas à globalização. Para além da internet, como tecnologia macro, utilizamos o Facebook (um exemplo paradigmático das redes sociais digitais), o Blogger (um recurso para a construção de blogues) e muitas outras tecnologias conotadas com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), não esquecendo a utilização dos recursos educacionais abertos (REA), um exemplo de produção e utilização de conteúdos educacionais à escala global. Nesse contexto de globalização, o projeto “REviver na Rede” nasceu aplicado a uma realidade local, porque o seu objetivo é contribuir para a resolução de um problema sentido por uma comunidade específica. Assim, podemos ainda afirmar que a realização do projeto aplicou, com sucesso, as vantagens da globalização a um coletivo particular.

Atualmente, as redes sociais digitais se tornaram omnipresentes em nossa sociedade, podendo servir para muito mais do que apenas contactos pessoais ou mesmo profissionais; nomeadamente, podem servir de instrumento à empregabilidade e para sistematizar a procura de emprego. Nesse contexto específico, provámos que o Facebook pode ser uma ferramenta social capaz de responder a esse tipo de necessidades e, utilizado em articulação com sujeitos, coletivos e sociabilidades, sobretudo locais, pode contribuir para a socialização, a integração social e a procura ativa de emprego.

## Referências

- ALBERTO, Maria. A Noção de Empregabilidade: Origens e Usos. In Revista Trabalho & Educação, n. 14, 2005, Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8853>. Acesso 9 mai. 2020.
- ARCOVERDE, Ana. Emprego/Desemprego e Redes de Sociabilidade. In Anais do XXI Seminário Latino-americano de Escolas de Trabalho Social: Chile, 1998. Disponível em <http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/congresos/reg/slets/slets-016-041.pdf>. Acesso em 23 mai. 2020.
- PINTO, João. Formação aberta e online, redes sociais e inclusão digital: o projeto Reviver na Rede. Lisboa: Universidade Aberta, 2017. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.2/6930>. Acesso em 11 mai. 2020.
- BENTO, Afonso. Desemprego, Pobreza e Exclusão Social. Universidade de Coimbra. 2011.
- BOTO, Bárbara. Relação entre Adaptabilidade e Empregabilidade. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia. 2011. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4963>. Acesso 5 mai. 2020.
- BRAUDEL, Fernand. Civilisation matérielle et capitalisme. XV-XVII siècle. Paris: Armand Colin, 1967.
- CARDOSO, Luis; VARANDA, Pedro; MADRUGA, Paulo; ESCÁRIA, Vitor; FERREIRA, Vitor. Empregabilidade e Ensino Superior em Portugal. Lisboa: ICS / CIRIUS / ISEG, 2012.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- COUTINHO, Virginia. The social book - tudo o que precisa de saber sobre o Facebook. Coimbra: Conjuntura Atual, 2014.
- DIAS, Patricia. Viver na Sociedade Digital - Tecnologias digitais, novas práticas e mudanças sociais. Lisboa: Principia, 2014.
- DUARTE, Ana. Vivências de desemprego e transformação dos modos de vida dos operários mineiros. Sociologia, n. 8. Porto: Universidade do Porto, 1998. Disponível em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2574>. Acesso em 1 jun. 2020.
- FURTADO, José. Fractura digital e literacia: reequacionar as questões do acesso. Comunicação & Cultura, 2007. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.14/10381>. Acesso em 30 mai. 2020.

- GISPERT, Carlos. Enciclopédia de Psicologia. Lisboa: Oceano – Liarte, 1999
- HOFFMAN, Reid; CASNOCHA, Ben. Vencer nas Redes Sociais - Start Up, Um Novo Futuro. Lisboa: Clube do Autor, 2014.
- KELLY GLOBAL WORKFORCE ÍNDEX. Lisboa: Kelly Services. 2011
- KIRKPATRICK, David. O Efeito Facebook - A história da empresa que está a mudar o mundo. Lisboa: Arcádia, 2011.
- LATOURE, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: EDUFBA, 2012.
- LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- LOISON, Laurence. Mecanismos compensatórios do desemprego em Portugal: família e redes. In Atas do IV Congresso Português de Sociologia. Lisboa: SPS, 2000. Disponível em [https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462dd09ab4baf\\_1.pdf](https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462dd09ab4baf_1.pdf). Acesso em 3 jun. 2020.
- LOPES, Miguel; CUNHA, Migeul. O Mundo é Pequeno - O que podemos aprender sobre Networking e as Redes Sociais. Lisboa: Actual Editora, 2011.
- MARQUES, Ana Paula. Trajectórias Quebradas - A Vivência do Desemprego de Longa Duração. Lisboa: Profedições. 2009.
- MILGRAM, Stanley. The Small World Problem. Psychology Today. 1967. Disponível em <http://snap.stanford.edu/class/cs224w-readings/milgram67smallworld.pdf>. Acesso em 15 mai. 2020.
- OLIVEIRA, Jayr. Tecnologia, Trabalho e Desemprego: um desafio a empregabilidade. In II Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia- SEGeT. 2005. Disponível em [http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos05/377\\_ARTIGO%20ENVIADO%20PARA%20O%20CONGRESSO%20DE%20RESENDE-RJ.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos05/377_ARTIGO%20ENVIADO%20PARA%20O%20CONGRESSO%20DE%20RESENDE-RJ.pdf). Acesso em 11 mai.2020
- RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre, Brasil: Sulina, 2009
- RHEINGOLD, Howard. Net Smart - How to Thrive Online. Cambridge, Massachusetts, EUA: MIT Press, 2012.
- SANTAROSA, Lucila; DEBORA, Conforto; SCHNEIDER, Fernanda. Tecnologias na Web 2.0: o empoderamento na educação aberta. In Colóquio Luso-Brasileiro de Educação a Distância e Elearning. Lisboa: Universidade Aberta, 2014. Disponível em <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3071>. Acesso em 6 jun. 2020.
- SANTOS, Ana. Desemprego e trajectos de exclusão social. Universidade Nova de Lisboa, 2010.

- SANTOS, Francisco; PETERSEN, Cristina. Redes sociais, redes de sociabilidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 29 n. 85. São Paul: ANPOCS, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>. Acesso em 21 mai. 2020.
- TAVARES, Sandro Rafael. Plataforma para Gestão de Conteúdos de Entretenimento. Porto: Universidade do Porto, 2013, Disponível em [https://web.fe.up.pt/~tavares/downloads/publications/teses/MSc\\_Sandro\\_Tavares.pdf](https://web.fe.up.pt/~tavares/downloads/publications/teses/MSc_Sandro_Tavares.pdf). Acesso em 19 mai. 2020
- TURKLE, Sherry. A vida no ecrã. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- VERMELHO, Sónia; VELHO, Ana; BONKOVOSKI, Amanda; PIROLA, Alisson. Refletindo sobre as redes sociais digitais. Revista Educação & Sociedade, 35, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302014000100011> Acesso em 1 jun. 2020.

**ABSTRACT:**

The digital revolution has instigated the paradigm of the networked society, mediated by technology, with an impact on lifestyles, increasingly more virtual and, stimulating new forms of sociability between individuals and collectives. In this text, we present a reflection on the relationship between digital social networks, active job search and social inclusion. Moreover, we present the case of the Project "REviver na Rede", which has been enabling us to conclude that social networks, like Facebook, are valid tools for the integration, socialization and active job search, helping to improve the employability and also the economic and social development of local communities.

**KEYWORDS:** Social Networks; Facebook; Sociability; Employability; "REviver na Rede".

**RESUMEN:**

La revolución digital ha instigado el paradigma de la sociedad en red, mediada por la tecnología, con un impacto en los estilos de vida, cada vez más virtuales y en línea, estimulando nuevas formas de sociabilidad entre individuos y colectivos. En este texto presentamos una reflexión sobre la relación entre las redes sociales digitales, la búsqueda activa de empleo y la inclusión social. Además, presentamos el caso del Proyecto "REviver na Rede", que nos ha permitido concluir que las redes sociales, como el Facebook, son herramientas válidas para la integración, la socialización y la búsqueda activa de empleo, ayudando a mejorar la empleabilidad, y también el desarrollo económico y social de las comunidades locales.

**PALABRAS-CLAVES:** Redes sociales; Facebook; Sociabilidad; Empleabilidad; "REviver na Rede".